

A GÊNESE DA IMPRENSA CARICATA SUL-RIO-GRANDENSE E A GUERRA DO PARAGUAI

FRANCISCO DAS NEVES ALVES *

RESUMO: Quando o Brasil enfrentou o Paraguai na Guerra da Tríplice Aliança, a imprensa exerceu um papel fundamental na defesa da causa nacional. Ao longo do território brasileiro os jornais divulgavam os episódios bélicos e mantinham um discurso patriótico e de ataque ao inimigo. No Rio Grande do Sul, tal estratégia discursiva foi desempenhada pelo seu primeiro jornal caricato, *A Sentinella do Sul*, objeto de estudo deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil, Paraguai, guerra, imprensa, caricatura, Rio Grande do Sul

ABSTRACT: When Brazil faced Paraguay in the War of the Triple Alliance, the press played a key role in defending the national cause. Throughout the Brazilian territory newspapers divulged the war episodes and kept a patriotic and attack the enemy speech. In Rio Grande do Sul, this discursive strategy was performed by his first caricature newspaper, *A Sentinella do Sul*, the object of study of this work.

KEYWORDS: Brazil, Paraguay, war, press, caricature, Rio Grande do Sul

A participação da imprensa na difusão e no debate de temas voltados às relações exteriores constituiu uma recorrência ao longo da história do jornalismo brasileiro. No século XIX, os jornais não se limitavam a divulgar os episódios diplomáticos ou

* Professor da FURG. Doutor em História – PUCRS. Pós-Doutorado junto ao ICES/Portugal (2009). Pós-Doutorado junto à Universidade de Lisboa (2013).

bélicos, mas também promoviam interações para com os mesmos, movendo verdadeiras cruzadas patrióticas em nome da causa nacional. Exemplificativamente, foi esse processo que demarcou os desentendimentos de natureza diplomática ocorridos com a Grã-Bretanha por ocasião da Questão Christie e a da Ilha da Trindade, quando os periódicos desenvolveram uma batalha discursiva contra *John Bull*, exigindo reparações diante do que consideravam agressões de parte dos britânicos. Tal fenômeno também se daria nos enfrentamentos bélicos dos quais participou o Brasil contra seus vizinhos platinos, caso das guerras contra o Uruguai e a Argentina, representados como intestinos inimigos por meio do periodismo. Durante o mais grave conflito no qual se envolveu o império brasileiro, na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, não seria diferente, de modo que em tal época os jornais tiveram atuação contundente na criação de imagens textuais e pictóricas que louvavam a ação nacional e denegriam os adversários.

Desse modo, além do lustro de enfrentamentos por meio das armas, a Guerra do Paraguai foi travada também através das páginas dos jornais. Editoriais, artigos de fundo, transcrições, seções telegráficas, avisos, notas, comentários sérios e jocosos e caricaturas foram algumas das formas de manifestação jornalística pelas quais os conflitos bélicos foram noticiados e interpretados pelos periódicos. A significativa duração da guerra – ainda mais levando em conta os enfrentamentos dos quais o Brasil havia participado até então – e a conseqüente mobilização de razoáveis contingentes humanos voltados ao esforço bélico, oriundos de variadas regiões do país, promoveram uma sede por notícias ao longo do território nacional, cumprindo os jornais a função de saciar tais anseios. De acordo com essa perspectiva, ocorreria uma verdadeira mobilização por parte do jornalismo, tanto por meio das bem estabelecidas publicações diárias, normalmente mais longevas e voltadas à promoção de um discurso dito sério, quanto da pequena imprensa, mais aberta a diversidades discursivas, notadamente no que tange a uma prática jornalística mais crítica, opinativa e até humorada.

Foi nesse contexto de uma cruzada patriótica em nome

da causa brasileira e em ferrenha oposição ao líder paraguaio, Francisco Solano Lopes, que atuaram, quase que de maneira uníssona, os jornais diários e vários representantes da pequena imprensa, dentre eles, os semanários caricatos. A segunda metade do século XIX foi uma época de grande expansão da imprensa caricata no Brasil, de modo que tais folhas se espalhavam em várias das regiões do país¹. Dessa maneira, a irreverência e a crítica despudorada, características inerentes à produção humorística, manifestaram-se de forma unilateral na imprensa ilustrada brasileira durante a longa campanha militar desenvolvida na Bacia do Prata. Nesse quadro, apenas o inimigo das forças imperiais foi vítima da ação satírica dos caricaturistas, em páginas dirigidas com absoluta preferência ao presidente paraguaio, as quais se constituíram em instrumentos de corrosão da imagem do Paraguai, poupando deliberadamente o lado brasileiro. Esse engajamento conferiu à caricatura um relevante papel, uma vez que exibiu as condenadas formas do adversário e, com isso, apresentou-se como privilegiada base da legitimação pretendida pelo império da sua ação armada contra o governo paraguaio².

Tal processo também se desenvolveria na conjuntura sul-riograndense, por meio de *A Sentinella do Sul*, folha pioneira dentre as publicações caricatas gaúchas. Esse semanário, precursor nas lides da caricatura no Rio Grande do Sul, foi editado na capital da província, entre julho de 1867 e, provavelmente, a virada entre 1868 e 1869. Júlio Timóteo de Araújo e Manoel Felisberto Pereira da Silva eram seus proprietários, a sua impressão era feita na Litografia Imperial de Emílio Wiedemann, enquanto as

1 Sobre a caricatura brasileira, ver: FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. t. 80. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917. p. 583-609; LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; SINZIG, Pedro. *A caricatura na imprensa brasileira*: contribuição para um estudo histórico-social. Petrópolis: Vozes, 1911.; SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.; SOUZA, Jonas Soares de. A vitrine do imaginário: periódicos ilustrados no século XIX. *Documentos*. v. 3. n. 6. Campinas: B.C.M.V, jul/dez. 1991. p. 33-43.; e TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1976.

2 SILVEIRA, Mauro César. *A batalha de papel: a Guerra do Paraguai através da caricatura*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 169.

ilustrações ficavam a cargo de Inácio Weingärtner, que atuava como gravador naquela empresa. A *Sentinella* apresentava-se como jornal ilustrado, crítico e joco-sério e, com humor, lembrava que seria publicada diariamente, com exceção dos dias de semana, custando, primeiramente, 9\$000 por semestre, 16\$000 por ano e \$440 réis o número avulso, passando, mais tarde, a 12\$000 e 14\$000 anuais, respectivamente para os assinantes da capital e de fora dela. Em meio aos modelos normalmente mais críticos e ácidos das folhas caricatas, *A Sentinella* manteve sua construção discursiva e suas manifestações pictóricas em padrões razoavelmente mais amenos e moderados³.

Em sua apresentação⁴, o semanário, com ironia, lembrava que todos os jornais e todas as publicações periódicas tinham o costume de apresentarem ao público – definido como uma entidade que engolia as *araras* da imprensa e pagava as suas assinaturas – um programa, no qual minuciosamente detalhavam tudo quanto pretendiam, ou, na maioria das vezes, não pretendiam fazer naquela espinhosa carreira e no desempenho daquela árdua e honrosa missão, que seria um sacerdócio e conduziria a um martírio. Nesse sentido, a folha caricata dizia que não pecaria pela omissão de tal dever, e mesmo que não fosse dada a frases altissonantes, não iria deixar de seguir a regra geral. Usando um termo considerado obrigatório em matéria de programa, a folha afirmava que entrava na arena, armada de pena e de crayon, disposta a sustentar a luta contra o indiferentismo do público e a falta de assinaturas, os dois principais inimigos que quase sempre perseguiam as empresas da sua ordem. O hebdomadário declarava estar disposto a maçar os seus leitores com oito páginas mistas de textos e gravuras, nas quais abrangeria, tanto quanto possível, as ocorrências da semana.

Buscando isentar-se da prática da pasquinagem, o periódico destacava que, apesar da crítica ser o seu elemento principal, a mesma seria manejada com discernimento, nunca passando das raias da justiça e da honestidade, só ferindo a partir da razão e nos

3 FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p.13-27.

4 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867. A. 1. N. 1. p. 2.

limites da decência, de modo que não viria a empregar a arma do ridículo contra o que fosse nobre, belo e grande. Já no seu programa, o semanário mostrava suas intenções de ter a Guerra do Paraguai como um de seus motes editoriais, enfatizando que as honras, as glórias e as alegrias da pátria achariam eco fiel na *Sentinella do Sul*, que se esforçaria para dar aos seus leitores não só os retratos e as biografias dos pró-homens da época e da situação guerreira, mas também vistas do teatro da guerra. Dizia ainda que a caricatura não poderia faltar, pois ela seria o sal ático da publicação, que em tom joco-sério diria muitas verdades e, sendo fiel ao antigo princípio “*ridendo castigare mores*”. Dessa maneira, a folha adotava um espírito moralizador da sociedade, muitas vezes assumido pelos caricatos, garantindo que se esforçaria com desenhos e palavras para castigar o crime, a hipocrisia, a ignorância e a vilania no que tinha de mais caro, ou seja, o seu amor próprio.

O periódico expunha também que acreditava no favor público que o acompanharia na senda que se propunha a percorrer, tomando por norte a razão, a justiça e o patriotismo. Previa ainda que a sua execução artística seria sempre digna de entrar em comparação com a das edições ilustradas da corte, bem como a sua publicação e expedição seriam feitas com regularidade e, como a primeira folha ilustrada que saía na província do Rio Grande, esperava contar com a proteção do público. Uma das marcas registradas da *Sentinella* era manifestar-se por meio de seus dois personagens principais – o “Redator”, representando a figura do escritor público/jornalista, e o “Piá”, o negro que auxiliava aquele e com o qual mantinha recorrentes diálogos, publicados na sessão “Colóquio entre o Redator e o seu Piá”, uma das mais frequentes dentre as editadas pela folha. Já em sua segunda edição⁵, o hebdomadário destacava as repercussões que tivera sua distribuição junto ao público porto-alegrense, traduzida por meio da conversa entre aquelas duas figuras, as quais comentavam que o acolhimento fora ótimo, havendo barulho pela cidade diante da novel publicação. Na mesma oportunidade, o pioneiro caricato esclarecia que não queria saber de negócios de partido, os quais

5 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 14 jul. 1867. A. 1. N. 2. p. 2.

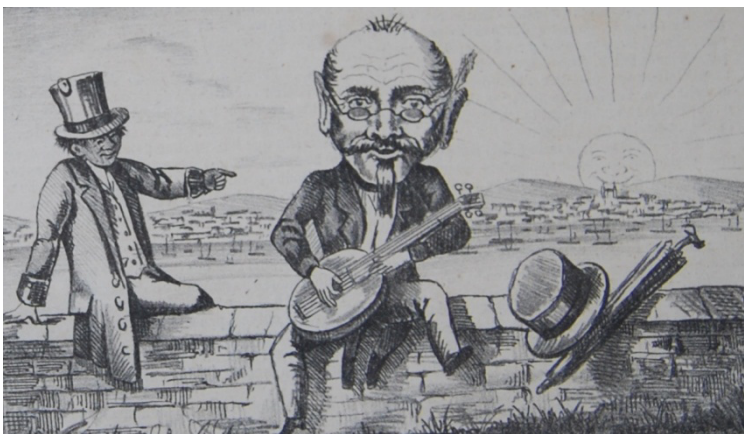
não davam camisa para ninguém, ainda mais que a meta de seus proprietários era ganhar dinheiro e não fazer vida política.

A *Sentinella do Sul* manteve padrões gráficos bastante aprimorados para os padrões da época, ainda mais por se tratar de um momento de gênese do jornalismo caricato no Rio Grande do Sul. A publicação garantiu uma circulação regular, ainda que tivesse de enfrentar os sérios problemas que afligiam a pequena imprensa, mormente no que tange às dificuldades de manter a venda de seus exemplares, à inadimplência dos assinantes e à ausência de matéria publicitária publicada em suas páginas. Tal regularidade duraria pelo menos durante seu primeiro ano de existência, da origem, em 1867, até meados do ano seguinte, pois, já por essa época, a folha começava a dar sinais de que os obstáculos agravavam-se, vindo a publicar vários avisos, nos quais rogava aos assinantes que ainda estavam em atraso com suas assinaturas, que viessem a satisfazê-las o quanto antes⁶. Nesse ano inicial de circulação, a Guerra do Paraguai constituiria o tema mais difundido nas páginas do hebdomadário que trazia aos leitores textos e imagens acerca do cenário bélico. De acordo com o caráter de mobilização patriótica que dominava a imprensa brasileira de então, a folha caricata também se dispunha a uma figurativa participação na guerra, engajando-se com a causa nacional, e, ao mesmo tempo, enaltecia a participação dos sul-rio-grandenses no conflito, manifestava as desconfiças em relação aos aliados do Brasil na Tríplice Aliança e movia ferrenha campanha de oposição ao inimigo, personalizado essencialmente na figura do presidente paraguaio.

No que tange a uma simbólica participação do jornal na mobilização para a guerra e na divulgação acerca da mesma, a folha apresentava desenho no qual o Redator tocava viola, em frente à Porto Alegre e sob o brilho de um “risonho” sol, em expressão de um dia de felicidade, conversava com o Piá, que perguntava ao primeiro o motivo de seu contentamento, recebendo por resposta que a razão era o fato do corpo expedicionário do

⁶ A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 24 maio 1868. A. 2. N. 47. p. 7.; 31 maio 1868. A. 2. N. 48. p. 7.; 7 jun. 1868. A. 2. N. 49. p. 7.; 14 jun. 1868. A. 2. N. 50. p. 7.; 21 jun. 1868. A. 2. N. 51. p. 7.; e 28 jun. 1868. A. 2. N. 52. p. 7.

Mato Grosso já ter entrado no Paraguai e tomado um forte do inimigo. Revelando um entusiasmo que sobrepujava o da própria população, o jornal expressava a estranheza de que na cidade não se via movimento nenhum, nem alegria, nem música, nem foguetes, ao que o Redator argumentava que deveriam andar desconfiados com as notícias da guerra, agindo como São Tomé, que preferia ver para crer, ao que ponderava que era diverso, pois acreditava em tudo quanto lhe fazia conta⁷ [Figura 1].



- Figura 1 -

Já em outra caricatura, Redator e Piá voltavam à cena, agora participando de uma animada manifestação popular na capital da província. Na mesma edição, era publicado outro “Colóquio entre o Redator e o seu Piá”, no qual este perguntava aquele se já descansara das fadigas da noite de segunda-feira, tendo por resposta que o primeiro ainda se encontrava meio rouco e as pernas doíam de tanto caminhar naquela noite que fora repleta de prazer e de entusiasmo. O Piá descrevia que seu amo andara pela rua afora, à frente da música, com um archote na mão e brandindo o chapéu, dando vivas a cada instante, diante do que o Redator confessava que a ansiedade pública por notícias

7 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 21 jul. 1867. A. 1. N. 3. p. 1.

boas do teatro de guerra era tal, que bastara a distribuição do boletim, transmitindo a notícia da passagem da esquadra por Curupayti, para desenvolver um entusiasmo febricitante na população da capital, que mais uma vez dera manifesta prova do seu elevado patriotismo. Segundo tal descrição, forçada a passagem de Humaitá, o caminho estaria franco até Assunção, que deveria cair infalivelmente em poder dos aliados, ficando o inimigo circunscrito à sua linha de fortificação e não tendo remédio senão sujeitar-se às condições que lhe fossem impostas, de modo que estaria amplamente justificada a alegria popular com que fora acolhida tão fausta nova⁸. Em outra oportunidade, eram o Redator e o Piá propriamente ditos que se preparavam para fazer parte da guerra e para tanto, em uniformes militares, faziam exercícios na Várzea⁹ [Figuras 2 e 3].



- Figura 2 -

8 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 1º set. 1867. A. 1. N. 9. p. 1-2.

9 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 27 out. 1867. A. 1. N. 17. p. 1.



- Figura 3 -

Nesse esforço de guerra movido pela *Sentinella*, não faltaria espaço para que também realizasse a crítica social e de costumes, pratica comum às folhas caricatas de então, no caso tecendo fortes censuras aqueles que lucravam com o enfrentamento bélico. De acordo com tal pensamento, o jornal mostrava um homem opulento, envolto com riquezas em dinheiro e joias, afirmando que era belo morrer pela pátria, mas que era mais belo viver à custa dela, e, melhor ainda, ser fornecedor do exército¹⁰. No mesmo sentido, a folha mantinha o teor crítico, através de sutil ironia empregada em outra caricatura na qual mais uma vez reproduzia as conversas entre o Redator e o Piá. O auxiliar do jornalista pedia a seu amo, licença para ir para o teatro da guerra, diante do que o patrão, atônito e entristecido, perguntava a razão de tão tresloucada decisão, ao que o Piá respondia fagueiro e jocosos que para lá iam todos fazer fortuna, diante do que ele também queria ir¹¹ [Figuras 4 e 5].

10 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 14 jul. 1867. A. 1. N. 2. p. 8.

11 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 21 jun. 1868. A. 2. N. 51. p. 1.



- Figura 4 -



- Figura 5 -

As ideias-chave expressas pela pioneira folha caricata gaúcha, no que tange à abordagem da Guerra do Paraguai, voltadas ao enaltecimento patriótico, à valorização dos sul-rio-grandenses, às desconfianças para com os aliados e os ataques aos adversários, ficavam manifestas em outro “Colóquio entre o Redator e o seu Piá”, no qual o primeiro perguntava quais eram

as novidades do teatro da guerra, obtendo por resposta que não havia nada de transcendência, mas que estava previsto um ataque geral, conforme fora combinado em conferência dos generais. O Redator insistia nas perguntas, questionando ironicamente se não havia novidade do “*amiguito el Mariscal*”, ao que o Piá argumentava que tal personagem estaria aprontando as malas em companhia de sua esposa, a Madame Lynch. Fazendo uma analogia com outro líder platino com o qual o Brasil empreendera uma guerra na década de 1850, o semanário afirmava que havia comentários de que Solano Lopez já mandara pedir hospedagem a Rosas em Southampton, e este estaria disposto a ceder-lhe os aposentos que havia muito mandara preparar para “*su amigo*” D. Justo. Diante de tal possibilidade, o Redator desejava boa viagem ao presidente paraguaio, o qual deveria ir o quanto antes, uma vez que a prorrogação da guerra estava custando muito cara ao Rio Grande, que já vinha pagando tão pesado tributo de vidas¹².

No que se refere à construção discursiva voltada às exaltações patrióticas diante daquele cenário de guerra, valorizando as ações brasileiras e menosprezando as paraguaias, a *Sentinella* produziria uma série de imagens e textos, a maior parte deles expressos exatamente na recorrente coluna “Colóquio entre o Redator e o seu Piá”. Em um deles, o Redator explicava que não era Lopez, nem os paraguaios que vinham criando embaraços bélicos para os brasileiros, e sim a natureza selvagem daquelas paragens inteiramente desconhecidas, os pântanos, as inundações, as pestes e doenças, a falta de recursos e as dificuldades de comunicação. Apesar de tais dificuldades, todas supostamente advindas de razões geográficas e climáticas e não de méritos do inimigo, era feito um prognóstico positivo, prevendo-se que o futuro haveria de ser glorioso para o Brasil, e em breves tempos, se Deus quisesse, a *Sentinella* poderia cantar a vitória e aliar-se nas manifestações de regozijo público a toda a nação, que, com entusiasmo, saudaria as valentes e varonis tropas brasileiras, quando regressassem de Assunção, cobertas de louros, uma vez que Deus protegia a causa dos justos, devendo, portanto, todos terem fé nele¹³.

12 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 14 jul. 1867. A. 1. N. 2. p. 2.

13 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 28 jul. 1867. A. 1. N. 4. p. 2-3.

Havia a preocupação de parte da folha em descrever os movimentos bélicos, sempre categorizados como favoráveis à causa do Brasil, cujos militares, qualificados como intrépidos, conquistavam novas posições e sitiavam os adversários¹⁴. Na mesma linha, o hebdomadário, por meio de seus dois personagens principais, enaltecia o valor considerado inexcedível das tropas brasileiras, argumentando que elas eram comandadas por valentes que se mostravam como verdadeiros heróis, dignos de ombrear com os das epopeias homéricas. Referindo-se aos inimigos, o jornal dizia que Lopez, o tirano não tinha mais comunicação para parte alguma, estando bloqueado pelo lado da água, sitiado pela parte terrestre, inteiramente cercado, de modo que não poderia mais receber pólvora da Bolívia, nem tão pouco gado e alimentos do interior, ou seja, mais dia, menos dia, deveria ter lugar, ou bem uma ação decisiva, a que o desespero talvez o provocasse, ou então a capitulação do baluarte do barbarismo e da tirania. Acreditando em um encerramento próximo do conflito, o semanário destacava que aquele era um dia de júbilo legítimo, já que a guerra vinha sendo uma tarefa tão gloriosa, quão pesada e penosa para o Brasil¹⁵. A perspectiva de que o confronto com o vizinho guarani estava sendo difícil ficava expressa em caricatura na qual a empreitada bélica era comparada ao sacrifício de Sísifo de empurrar uma pedra montanha acima, no caso, um político brasileiro rolando uma rocha identificada com o Paraguai¹⁶. Mas, igualmente, prevalecia a previsão de um bom termo para a guerra, como no caso da publicação de uma alegoria à vitória, mostrando a divindade correspondente, com uma espada em uma mão e os louros do triunfo na outra, pairando e abençoando o pavilhão e as armas brasileiras¹⁷ [Figuras 6 e 7].

14 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 25 ago. 1867. A. 1. N. 8. p. 2.

15 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 24 nov. 1867. A. 1. N. 21. p. 7.

16 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 23 fev. 1868. A. 2. N. 34. p. 1.

17 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 8 mar. 1868. A. 2. N. 36. p. 5.



- Figura 6 -



- Figura 7 -

Em outro “Colóquio” de amplo enaltecimento patriótico, o Piá afirmava que estava contentíssimo, não sabendo como conter-se diante do triunfo alcançado pelas armas brasileiras contra o Paraguai, o qual lhe arrebatava. O personagem dizia que, tal como Porto Alegre em peso, despertara ao ouvir o eco dos canhões do vapor que trouxera gloriosas novas, vindo a correr ao trapiche da alfândega, e ali, pela leitura de um boletim, ficara orientado que a guerra que parecia interminável, estava a concluir-se em consequência de um arrojado feito da esquadra. Destacava ainda que, diante de tão surpreendente vitória, saudava-a com frenético entusiasmo, acompanhando os porto-alegrenses que teriam dirigido aos ares milhares de foguetes festivos e percorrido as ruas ao som da música, em uma manifestação de contentamento geral. Descrevia também que nacionais e estrangeiros eram unânimes em vitoriar tão fausto acontecimento, sendo aquele todo um dia de festa, no qual as repartições públicas fecharam, os agentes consulares embandeiraram as suas residências e o povo heroico bem compreendera o alcance da vitória. Ainda no campo da entusiástica descrição, o Piá narrava, que à noite, não obstante a chuva, todas as bandas de música saíram a percorrer as ruas e com elas o povo se aglomerava, os foguetes se sucediam e os vivas se repetiam, de maneira que, até alta noite a cidade sentiu-se agitada de entusiasmo febril e, tanto nessa, como na noite seguinte, quase todas as casas particulares foram iluminadas e um solene *Te-Deum* fora entoado, na catedral, em ação de graça por tão grande vitória¹⁸.

Tal explanação era complementada pelo Redator que, mantendo o teor de entusiasmo, declarava que Porto Alegre cumprira o seu dever, como a capital da província que vinha cingindo a coroa do martírio, enquanto outras usufruíam das delícias de Cápua, e, portanto, levantara-se como um só homem para vitoriar um triunfo tão esplêndido, não só por ele ser o prelúdio da próxima conclusão da guerra, como pelo fato da conclusão desta ser uma esperança dos males que afligiam os rio-grandenses virem a minorar¹⁹. Em outra conversa entre o

18 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 8 mar. 1868. A. 2. N. 36. p. 6.

19 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 8 mar. 1868. A. 2. N. 36. p. 6.

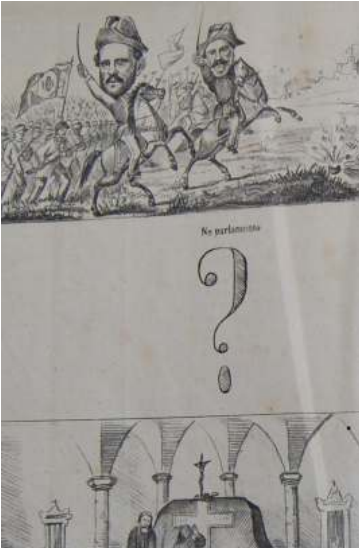
responsável pela redação e o seu auxiliar, mantinha-se o tom patriótico apontando para as indeléveis vitórias nacionais, referindo-se o Piá a uma notícia pela qual os paraguaios, não obstante sua sagacidade, continuavam a tomar bomba, tendo eles intentado abordar dois encouraçados brasileiros com o intuito de prendê-los, aproveitando-se da escuridão da noite para atacar de surpresa, mas, teriam pagado pela audácia com a vida, tendo quase todos sucumbido²⁰.

Outro elemento presente nas construções discursivas e imagéticas da *Sentinella do Sul* acerca da Guerra do Paraguai esteve ligado ao amplo destaque dado à participação dos gaúchos no conflito, bem como à abordagem de insatisfações dos rio-grandenses, desde algumas tradicionais e históricas até outras mais imediatistas, advindas da própria situação bélica. Nesse caso esteve um conjunto de gravuras que comparava a participação gaúcha com a mineira na guerra, enfatizando o papel dos rio-grandenses-do-sul. No desenho, os sulinos apareciam peleando no campo de batalha e, por isso, ausentes no parlamento e, nos lares, havia o pranto pela morte dos soldados. Por outro lado, em Minas Gerais, a ausência dos mineiros era exatamente no teatro do enfrentamento bélico, aparecendo os políticos a discutirem no parlamento e as pessoas a festejar no seu ambiente doméstico, refletindo a visão do jornal a respeito dos tratamentos diferenciados dados às províncias, em denunciável prejuízo do Rio Grande do Sul²¹. Em outra caricatura, o semanário referia-se aos malefícios que a guerra estaria trazendo à província sulina ao desfalcá-la de largos contingentes de trabalhadores, deslocados para o cenário bélico. Nesse sentido, o periódico fazia um contraponto em relação ao movimento portuário na capital gaúcha para com as necessidades de guerra, estando o Rio Grande do Sul a receber a “importação” de colonos estrangeiros e exportando soldados para o cenário da guerra²² [Figuras 8, 9 e 10].

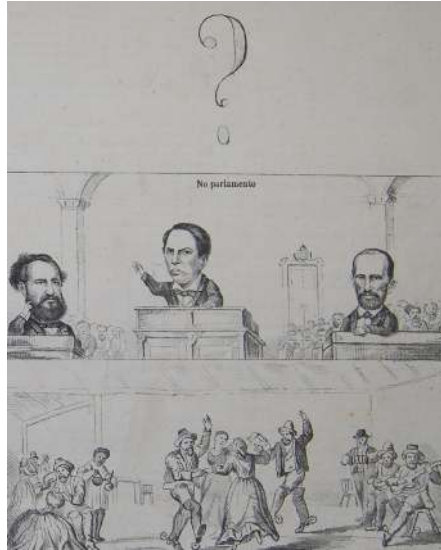
20 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 22 mar. 1868. A. 2. N. 38. p. 3 e 6.

21 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867. A. 1. N. 1. p. 4-5.

22 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 4 ago. 1867. A. 1. N. 5. p. 5.



- Figura 8 -



- Figura 9 -



- Figura 10 -

Os militares sul-rio-grandenses eram descritos pela folha como guerreiros imbatíveis que destroçavam completamente as forças inimigas, vindo a conquistar tantos louros e ganhar tanta honra naquela guerra apontada como gloriosa. Nessa linha, segundo o periódico, Solano Lopez poderia convencer-se da eterna verdade, que as tropas do Rio Grande eram invencíveis e faziam prodígios de valor, toda vez que se tratasse de desafrontar a honra da pátria comum²³. O propalado heroísmo dos gaúchos era associado às críticas e às denúncias quanto às diferenciações no tratamento dado pelo governo central às províncias, como no caso do destaque dado ao embarque de um contingente que marchava para a fronteira, descrito como uma cena pungente, com todos aqueles homens ouvindo a voz da pátria que necessitava do concurso dos seus filhos, e partiam resignados e prontos para defenderem as fronteiras, como bravos que deixavam suas famílias a que serviam de arrimo. A folha exclamava que o dever de brasileiro e de rio-grandense os chamava, e ante a voz da pátria tudo o mais deveria calar-se, entretanto, com ironia, dizia que a pátria só falava para o Sul, ao passo que, em Minas e em São Paulo, parecia muda. Diante de tal consideração, o hebdomadário constatava que a pátria não era muda, ela gemia e pedia socorro, mas os homens de Minas, do Norte e de São Paulo eram surdos, ou se faziam de surdos pelo menos, porque assim lhes convinha. Apesar de tais inconvenientes, o jornal manifestava exultação por ser rio-grandense, pois, ser filho do Rio Grande, significaria ser filho de heróis; e concluía que deveria ser honrado o patriotismo demonstrado pelos gaúchos, esperando que os governantes fossem gratos a eles, tratando-os depois da guerra com mais franqueza e menos injustiça do que até então vinha fazendo²⁴. Em outra conversa entre o Redator e o Piá, a *Sentinella* denunciava possíveis perseguições sofridas por militares gaúchos, como outra forma de diferenciação entre os sulinos e os oriundos de outras províncias²⁵.

23 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 25 ago. 1867. A. 1. N. 8. p. 2.

24 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 13 out. 1867. A. 1. N. 15 (suplemento). p. 9.

25 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 22 mar. 1868. A. 2. N. 38. p. 3 e 6. A denúncia realizada através do diálogo tinha o seguinte conteúdo: Red. – E por falar em

A construção de uma imagem calcada na bravura e os tratamentos desiguais em relação aos rio-grandenses apareciam também na forma de desenhos, como em uma caricatura que mostrava um Solano Lopez extremamente assustado diante de

surpresa, ocorre-me a ideia de ter lido um fato que bastante entristeceu-me, refiro-me ao fuzilamento de um alferes, natural desta província.

Piá – Exatamente, o conselho de Guerra assim o determinou.

Red. – Eis aí um bode *expiatório*. Depois de tantas surpresas, sem que até hoje conste haver um só conselho de guerra, que julgasse os surpreendidos, surge inesperadamente esta lamentável notícia, que vai encher de luto a família do malogrado alferes. Não nego o direito do conselho impor tão rigorosa pena, nem desconheço a severidade das leis militares; porém o que estranho é que tão fatal exemplo fosse dado ao modesto alferes rio-grandense, quando outras patentes mais superiores, que também deixaram surpreenderem-se, gozem as delícias do céu. (...)

Mas não, essa como outras surpresas não foram dignas, ao que parece, de serem ventiladas; a que foi horrenda, assaz criminoso, merecedora das iras do conselho, foi a de que foi vítima o infeliz alferes. Porque isto? Porque os rio-grandenses não de ser só os que os que devem ser castigados, quando a impunidade cobre os outros. Que crime comete o infeliz Rio Grande?

Seria o de mandar seus filhos reforçar os exércitos para a campanha oriental, enquanto a tropa de linha gozava dos prazeres da corte e das grandes capitais das outras províncias? (...)

Seria por ter, sem se queixar, se sujeitado ao pouco patriotismo e à perseguição do governo geral, ao arrancar-lhe trinta mil homens da sua lavoura e da sua indústria, deixando no entanto a mimosa Minas em paz?

Seria por ter sua valente cavalaria dado tantas glórias ao país, e sucumbido aos milhares de bravos ante as fortificações paraguaias, ao deitar seu pé em terra para escalá-las à lança e à espada, como aconteceu no ataque comandado pelo primeiro estratégico contra o Estabelecimento?

Seria por ter, quase indiferente, recebido e conservado contra si a lei marcial, contra a sua própria determinação, visto a província não achar-se invadida, nem ter de combater nenhuma luta intestina?

Seria por sofrer resignadíssimo o maior insulto que se pode fazer a uma província contra a sua honra e seus direitos, colocando-a fora da comunhão brasileira, trancando-lhe as portas do parlamento para que sua voz não fosse ouvida e seus direitos atendidos?

Seria, finalmente, por ter se sujeitado ao pagamento dos novos impostos, sem ser ouvido, por intermédio de seus representantes, contra a liberal disposição do pacto fundamental?

Piá – Eis um segredo que só a sonâmbula Ulisses nos podia revelar.

Red. – Porém, isto é uma desgraça, é mesmo uma perseguição; e para coroar a obra, o infeliz alferes rio-grandense representa agora o papel do bode *expiatório*.

Piá – Mas se as leis militares são tão rigorosas...

Red. – Já o confessei: não contesto o direito do conselho; o que me surpreende é esse terrível exemplo estar reservado para o modesto alferes, quando outros, de patente mais superior, têm cometido idêntico crime, e quem sabe se com circunstâncias mais agravantes, sem todavia constar que fossem sentenciados a serem fuzilados, nem que respondessem a conselho de guerra. (...) Disto e de tantas outras perseguições é que me queixo, de nada mais.

Piá – O meu amo tem razão, porém contra a força não há resistência.

um ataque da cavalaria rio-grandense, determinando a imediata retirada, uma vez que nem o diabo poderia diante da valentia dos gaúchos, descritos como verdadeiros centauros²⁶. Os termos de comparação entre Minas Gerais e Rio Grande do Sul, com o fito de promover a denúncia, mais uma vez era realizado pela folha, ao manifestar estranhamento pelo fato daquela ganhar, por razões eleitorais, condecorações, ao passo que este recebia apenas armas para continuar seus sacrifícios na guerra. A caricatura era complementada por mais um “Colóquio” entre o Redator e o Piá que descrevia a concessão de honrarias aos mineiros. Diante de tal ato, o Redator registrava que ocorrera algum engano, devendo o governo, ao invés de enviar armas ao Rio Grande, restituir o gozo dos direitos constitucionais na província sulina, com o reestabelecimento das eleições; conceder uma etapa diária às famílias desvalidas dos soldados rio-grandenses em campanha; instituir provisoriamente uma tarifa especial para as alfândegas gaúchas, de modo a proteger a produção e a exportação da província, que tantos soldados fornecia; isentar o Rio Grande, que tantos sacrifícios fazia, do pagamento do imposto pessoal; criar uma distinção honorífica especial para a valente cavalaria rio-grandense, que tomara trincheiras inimigas com a lança em punho; e mesmo enviar uma fornada grossa de graças e mercês para as pessoas que na província prestaram relevantes serviços em relação à guerra, o que não ocorrera em relação à Minas Gerais²⁷ [Figuras 11 e 12].

26 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 10 nov. 1867. A. 1. N. 19. p. 5.

27 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 17 maio 1868. A. 2. N. 46. p. 1 e 7.



- Figura 11 -



- Figura 12 -

Outro elemento constitutivo recorrente nas edições da *Sentinella do Sul* ao abordar a Guerra do Paraguai eram as constantes manifestações de certas desconfianças em relação aos aliados do Brasil na Tríplice Aliança. O jornal acabava por refletir as históricas suspeições que havia junto à sociedade brasileira no que tange ao Uruguai e à Argentina, coligados naquela circunstância bélica, mas adversários em conflitos transcorridos anteriormente. De acordo com o periódico, a contribuição dos aliados, mormente os argentinos, era duvidosa no esforço de guerra, além de seguidamente sugerir uma certa atitude procrastinatória e até alguma possível traição da parte deles. Para

o semanário, o império era o país preponderante no contexto sul-americano e não poderia criar muitas expectativas em relação às vizinhas republicanas. Em mais um “Colóquio”, o Piá fazia referência ao pleito internacional que estava sendo agitado entre as quatro potências sul-americanas, no que era corrigido pelo Redator, ao dizer que seu interlocutor não deveria esquecer que as tais republiquetas não mereciam a qualificação de potências, pois no máximo poderiam ser *potenciazinhas*, que não conseguiriam competir com o Brasil, que seria a única e verdadeira potência da América do Sul²⁸.

Nesse contexto, um dos alvos da folha caricata porto-alegrense era o comandante militar argentino, chegando o jornal a afirmar que tudo quanto até então havia sido feito no teatro da guerra, fora realizado por generais brasileiros, ao passo que Mitre ia passear em Buenos Aires e cuidar de seus negócios que não iriam muito bem, quando sua presença era mais reclamada. Outro líder militar argentino que causava desconfiança era Urquiza, cujas ações, segundo a folha, começavam a tornarem-se inoportunas, com as suas compras de armamento moderno, revistas e reuniões políticas e militares. Para o periódico, tal atitude era singular já que Urquiza não passava de um empregado do governo, era súdito argentino e, portanto, devia obedecer a Mitre, mas sem dar-lhe a menor satisfação, comprava armamento, reunia gente e preparava-se com todo o descanso para a revolução que proximamente iria encabeçar, de acordo com todos os indícios. Nessa linha, o semanário censurava o governo argentino por não ter força nem energia bastante para impedir a compra de armas que um seu súdito fazia com a maior ostentação²⁹.

Mantendo o tom de desconfiança, a *Sentinella* dizia que na Argentina as coisas não estavam muito em ordem, manifestando muito receio que, acabada a questão com o Paraguai, viessem a ocorrer dúvidas em relação aqueles “leais aliados”, mormente se Urquiza conseguisse assenhorar-se do domínio da república. Afora isso, o hebdomadário argumentava que, se as operações

28 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 28 jul. 1867. A. 1. N. 4. p. 2-3.

29 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 25 ago. 1867. A. 1. N. 8. p. 2.

no Paraguai tornassem outra vez a um estado de longa inação, surgiria o receio de que Urquiza levantasse o grito da rebelião, antes de concluída a guerra contra Lopez. Dessa maneira, a folha concluía que o estado de coisas no Rio da Prata, não tinha nada de agradável para o Brasil, o qual poderia ter de fazer enormes sacrifícios para assegurar à América do Sul o estado de ordem e progresso que anelava, e para o qual eram eternos obstáculos aquelas republiquetas hispano-americanas, nas quais só reinava desordem e eterna luta de partidos³⁰.

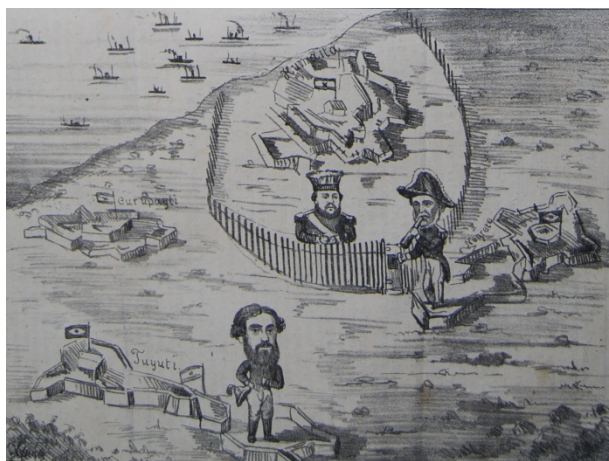
Essa suposta inação dos militares argentinos era denunciada também pelo jornal através de caricaturas, como uma mostrando o comandante brasileiro Caxias aguardando ansiosamente a presença de Mitre que permanecia impassível, trazendo vantagens para Lopez que conseguia manter a tranquilidade atrás de suas linhas fortificadas³¹. Em outra caricatura intitulada “A pesca milagrosa”, a folha mostrava que só o general brasileiro se esforçava para aprisionar Lopez, ou, simbolicamente, pescar o escorregadio e fugidivo peixe que representava o presidente paraguaio, enquanto, ao largo, os comandantes aliados permaneciam impassíveis, sem esboçar reação diante da ação brasileira³². As desconfianças em relação ao lado adotado na guerra pelo líder militar argentino Urquiza eram também manifestas no jornal por meio de desenho, no qual lembrava uma cena romana em que os comandantes brasileiro e paraguaio digladiavam-se entre si em busca do apoio daquele. A legenda era sucinta: “Ave Urquiza, *morituri te salutant*”. A caricatura era complementada pela explicação de que, na gravura, Urquiza, representava o papel dos imperadores romanos, que presenciavam para o seu recreio as sangrentas lutas do circo, e que os atletas tinham de saudá-lo com a expressão “aqueles que vão aniquilar-se te saúdam”. A partir de tal explanação, o semanário concluía que de fato aquele líder militar estava contemplando a luta, gostando dela e fazendo os seus planos para o futuro, pois

30 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 25 ago. 1867. A. 1. N. 8. p. 2.

31 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 25 ago. 1867. A. 1. N. 8. p. 4.

32 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 13 out. 1867. A. 1. N. 15. p. 5.

era o único que tirava real proveito de toda aquela triste guerra, que diariamente impunha novos sacrifícios aos beligerantes, e, sobretudo, ao Brasil³³ [Figuras 13, 14 e 15].



- Figura 13 -



- Figura 14 -

33 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 1º dez. 1867. A. 1. N. 22. p. 5 e 7.



- Figura 15 -

Mostrando que não esquecera os tempos em que a Argentina era adversária e não aliada, o hebdomadário caricato porto-alegrense lembrava a data da vitória sobre o argentino Rosas, sugerindo proximidades entre a luta realizada contra este e aquela então travada com Lopez. Segundo a folha, a aurora do dia 3 de fevereiro anunciava para o Brasil o feliz aniversário da queda do tirano, que fora uma das vergonhas da civilização do século, esclarecendo que se referia a Rosas, o qual seria um digno êmulo daquele que no Paraguai lutava contra a cruzada santa, que tentava libertar um desgraçado povo das garras do tigre faminto de sangue. Para o periódico, aquele era um episódio que tanto brilhava nos anais históricos do Brasil, devendo todos louvar àqueles que fizeram parte daquela gloriosa jornada³⁴. As desconfianças em relação à Argentina eram também manifestas por meio de caricatura na qual militares e políticos argentinos decidiam sua participação na guerra através da jogatina, demonstrando que suas ações eram limitadas pelos seus interesses pessoais. A legenda era direta, dizendo que aqueles senhores deveriam fazer

34 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 2 fev. 1868. A. 2. N. 31. p. 7.

os seus jogos³⁵. Mais explícita ainda foi a caricatura publicada pela *Sentinella* que mostrava o Brasil representado pelo índio que aparecia de braços dados com dois indivíduos vestidos à gaúcha, simbolizando uruguaios e argentinos, cujas feições eram pouco confiáveis. O caráter instável e transitório da aliança era bem definido através da legenda: “O Brasil, a República Oriental e a Confederação Argentina, são amigos... no Paraguai”³⁶ [Figuras 16 e 17].



- Figura 16 -



- Figura 17 -

Um dos pontos mais essenciais da abordagem da *Sentinella do Sul* a respeito da Guerra do Paraguai foi o estabelecimento

35 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 26 abr. 1868. A. 2. N. 43. p. 1.

36 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 3 maio 1868. A. 2. N. 44. p. 1.

de um verdadeiro conflito discursivo em relação ao inimigo que era representado, mormente, por Francisco Solano Lopes, mas também por sua esposa Elisa Lynch, militares paraguaios e mesmo a imprensa guarani. Tais manifestações ficavam bem sintetizadas em uma caricatura que fazia referência à “*la mejor bateria del Mariscal*”, mostrando uma poderosa Madame Lynch que, empunhando dois canhões, tratava de atacar as forças brasileiras. Esse desenho buscava menoscabar a figura de Lopez que aparecia agachado e escondido, à barra da saia da mulher. A intencionalidade em diminuir a imagem do governante paraguaio ficava também expressa na sua própria representação gráfica, menor em relação à esposa, numa alusão a que o “ditador” não era tão perigoso, escondendo-se atrás da mulher, a qual seria a verdadeira mandatária do Paraguai³⁷ [Figura 18].



- Figura 18 -

37 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 21 jul. 1867. A. 1. N. 3. p. 5.

O presidente paraguaio era também apresentado pela folha caricata como um homem de poucos recursos que, querendo justificar o seu procedimento inqualificável, que ia de encontro a todas as regras do direito das gentes, compreendera que deveria assenhorear-se de grande parte da imprensa europeia, a fim de espalhar as calúnias mais atrozes contra o Brasil e os seus aliados. Para tanto, de acordo com o jornal, Lopez teria contratado a peso de ouro vários escritores na Europa para apresentarem a sua versão dos fatos, através das faltas mais escandalosas à verdade, das mais cínicas e infundadas acusações e das mais revoltantes calúnias. Desse modo, teria lançado mão de charlatões literários que tinham a triste tarefa de caluniar o que era nobre e justo, e de exaltar, cobrindo com falsos ouropéis, a tirania de que Lopez era a verdadeira e última encarnação no livre solo da América do Sul. Tomando posição, o periódico dizia que a imprensa não deveria ficar calada diante de tamanha falsidade, e sim levantar-se em protesto formal contra aquelas calúnias. A indignação do semanário era também traduzida através de caricatura que mostrava o líder guarani comprando os escritos favoráveis a si, das mãos de seu ator que, nem um pouco sutilmente, era representado por um burro³⁸ [Figura 19].

38 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 28 jul. 1867. A. 1. N. 4. p. 3, 4 e 6.



- Figura 19 -

Em outra caricatura, O governante paraguaio aparecia nas páginas da *Sentinella* aprisionado, refletindo aquela que seria uma das grandes vontades nacionais. O caricato criava o ambiente de uma exposição de animais, na qual tanto Lopez quanto sua esposa estavam presos. A exposição era denominada de “Grande menageria zóologo-histórica” e era visitada pelo Redator e o Piá. Solano Lopez aparecia na forma de uma hiena com cabeça humana, ou seja, como um animal que se alimentava da morte, noturno, furtivo, voraz e covarde. No cartaz a hiena/Lopez, enjaulada, era anunciada como a sanguinária hiena, oriunda do Paraguai e, imitando um latim, para apresentar o “nome científico” do animal estabelecia a bem humorada denominação “*Hyena maculata lopesina paraguayensis*”. Já Madame Lynch aparecia como uma ave, acorrentada a uma argola, lembrando um ser instável e inconsequente, ou ainda do animal que se limita apenas à imitação. Nessa linha, a esposa de Lopez era apresentada como o papagaio branco da Inglaterra aclimatado no Paraguai e,

colocando em questão a honra da primeira dama paraguaia, o “nome científico”, num arranhado latim era *Linchiana libidinosu domesticata*. Na legenda, o Piá dizia “Que bonita menageria!”, ao que o Redator respondia: “A obtenção desses bichos custou caro ao Brasil, mas afinal temo-los seguros na gaiola”³⁹ [Figura 20].



- Figura 20 -

Como curiosidade, a folha publicava desenhos produzidos pela caricatura paraguaia. Num deles os guaranis eram representados por leões que atacavam assustadiços militares

39 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 11 ago. 1867. A. 1. N. 6. p. 5.

brasileiros. A legenda era sucinta e irônica: “É um povo muito civilizado!!”⁴⁰. Em outra, mostrava o “progresso artístico no Paraguai”, apresentando uma nova caricatura copiada do jornal ilustrado *Cabichuy* de Passo-Pacú, na qual Caxias puxava Mitre para a frente, sendo ambos conduzidos à força pelo imperador em direção a uma figura leonina⁴¹. Relevante destacar que em ambos desenhos guaranis, parte dos brasileiros é representada por pessoas de pele negra, numa clara alusão à participação de escravos nas tropas nacionais. Mas o hebdomadário porto-alegrense não se limitaria a publicar as caricaturas editadas no país inimigo e partiria para uma resposta na qual o tal leão paraguaio era tocado a chicote pela cavalaria do Rio Grande [Figuras 21, 22 e 23]. Os desenhos eram comentados nas conversas entre o Redator e o Piá, o qual perguntava o que representava aquela estampa esquisita e, diante da explicação, questionava que grande leão seria aquele que vivia apanhando da cavalaria brasileira. Diante disso, o Redator afirmava que aquela *engenhosa* caricatura fora respondida, através dos militares rio-grandenses tocando o tal *leão* a relho. Segundo ele, se tratava de uma represália justa, porque quando o inimigo, embora se defendesse com energia, não sabia pesar os foros de valente do seu adversário, quando tratava de atirar à lama do ridículo os esforços heroicos do inimigo, deveria ser pago na mesma moeda, tanto mais quando os brasileiros tinham sobeja razão, visto que os paraguaios em batalha campal teriam sido sempre vencidos pelas valentes hostes da aliança, de modo que poderia ser até um leão, mas um que apanhava muito⁴².

40 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 29 set. 1867. A. 1. N. 13. p. 4.

41 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 3 nov. 1867. A. 1. N. 18. p. 4.

42 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 10 nov. 1867. A. 1. N. 19. p. 5 e 7.



- Figura 21 -



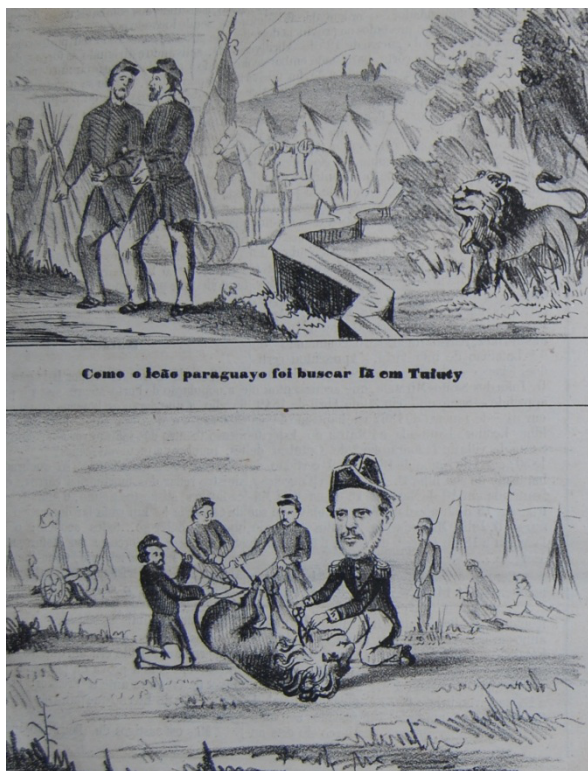
- Figura 22 -



- Figura 23 -

O confronto de parte da *Sentinella* para com a caricatura paraguaia seria ainda retomado, quando o semanário gaúcho mostrava como o leão paraguaio fora buscar lã e saíra, tal qual uma mansa ovelha, tosquiado diante da ação dos militares brasileiros [Figura 24]. Na parte textual, o periódico explicava o desenho, dizendo que mostrava aquela figura leonina guarani, que mais parecia uma hiena revestida com pele de leão, cuja lã fora arrancada. Nesse sentido, destacava que o bicho fora tosquiado sofrivelmente, acreditando que tão cedo não voltaria à luta. Diante disso, a folha saudava a liderança militar gaúcha que comandara a ação, a qual, era comparada a um leão, que se atirara no meio da refrega e com sua própria mão e em combate singular matara o comandante paraguaio, dando mais uma vez prova do ânimo heroico, que tanto distinguia o varonil povo rio-grandense. De acordo com tais circunstâncias, o hebdomadário, mais uma vez manifestava suas esperanças que as coisas iriam tomar outro caminho e que o termo da luta iria finalmente aproximar-se, o que seria fundamental, pois o país precisava do descanso da paz, para refazer-se das enormes perdas que sofrera, de modo que as feridas que a guerra deixara seriam em breve curadas e um grande futuro esperaria os brasileiros⁴³.

43 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 17 nov. 1867. A. 1. N. 20. p. 4 e 6-7.



- Figura 24 -

Na construção da imagem do adversário, o presidente paraguaio e sua esposa eram os preferidos da publicação caricata rio-grandense, como no caso da caricatura intitulada “Arranjos domésticos”, na qual Lopez e Madame Lynch preparavam rapidamente sua fuga, não deixando de carregar as riquezas nacionais⁴⁴. Mantendo a imagem de um líder fujão que abandonaria seu povo, o jornal mostrava um banquete paraguaio, no qual Lopez cumprimentava seus comandados, dizendo que precisava de dois encouraçados brasileiros, caso

44 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 29 set. 1867. A. 1. N. 13. p. 4.

contrário teria de fugir ou cair prisioneiro⁴⁵. Aproveitando o sucesso que um mágico fazia na cidade, a *Sentinella*, através do Redator, pedia ao prestidigitador se ele poderia, tal qual fizera com o Piá, cortar a cabeça do cacique Lopez que se achava engaiolado⁴⁶. Nas páginas do periódico, acompanhando o momento propício, Solano Lopez era representado como o alvo da malhação do Judas, desejando a publicação que morresse o “Judas paraguaio” e ressuscitasse a paz⁴⁷. O Brasil, simbolizado pelo índio, também aparecia em um desenho de laço à mão, afugentando Lopez, sua esposa e um clérigo que, espavoridos, escapavam a cavalo⁴⁸. Em outra caricatura, a folha mostrava um Lopez faceiro ao lado de sua família, uma vez que havia fugido e abandonado seu povo à própria sorte. A legenda era: “O novo quartel general do Mariscal Lopez. Motto: ‘Doce é, e amena, a vida dos campos!’ – Horácio, *Bucólicas*”⁴⁹ [Figuras 25,26, 27, 28, 29 e 30].



- Figura 25 -

45 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 29 mar. 1868. A. 2. N. 39. p. 1.

46 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 5 abr. 1868. A. 2. N. 40. p. 1.

47 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 12 abr. 1868. A. 2. N. 41. p. 1.

48 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 19 abr. 1868. A. 2. N. 42. p. 1.

49 A SENTINELLA DO SUL. Porto Alegre, 7 jun. 1868. A. 2. N. 49. p. 1.



- Figura 26 -



- Figura 27 -



- Figura 28 -



- Figura 29 -



- Figura 30 -

Dessa forma, *A Sentinella do Sul*, reproduzindo uma ação recorrente à imprensa brasileira, no contexto sul-rio-grandense, buscou cativar seus leitores quanto à justeza das causas brasileiras na guerra e atingir peremptoriamente o adversário do império – Solano Lopez. O governante paraguaio foi representando das mais variadas formas: protegendo-se à sombra da esposa; envolvido em negociatas escusas; como uma hiena, enjaulado pelos brasileiros; promovendo ações procrastinadoras à guerra; roubando sua pátria; como um peixe escorregadio e fujão; temendo as tropas

rio-grandenses; esbanjador, fanfarrão e falastrão; malhado como um Judas; em constante fuga, para viver no conforto e na paz, enquanto abandonava a população aos graves efeitos da guerra. A folha caricata, assim, também exerceria seu papel no constante esforço bélico de construir o arquétipo do “terrível ditador” paraguaio⁵⁰.

Assim, o Rio Grande do Sul teria condições de “assistir” a várias das cenas da Guerra da Tríplice Aliança através das páginas da *Sentinella do Sul*. Tal província já sofrera com as agonias da guerra ao ter seu território invadido, contribuía com um dos mais significativos contingentes de militares para o teatro das batalhas e constituía um ponto estratégico, encravado entre os vizinhos platinos, e, portanto, tinha significativa parte de sua população interessada nos destinos do conflito, fosse por motivos conjunturais, como os caminhos das relações exteriores brasileiras, fosse circunstanciais no que tange aos brasileiros, mormente os gaúchos, que pegaram em armas e marcharam para o território inimigo ou ainda o não esquecido risco de uma nova invasão. Dessa maneira, ao trazer várias matérias informativas bem como manifestações crítico-opinativas, o hebdomadário porto-alegrense encontrava um público leitor ávido por notícias do teatro de operações. Ao contrário dos jornais diários, que apresentavam longos textos sobre o conflito, a folha caricata publicava escritos em geral mais curtos e leves e, mais do que isso, trazia a imagem, que, se não dava cores às narrações, ao menos permitia maior e mais direta visibilidade às mesmas. Através da imagem e de uma linguagem mais direta e incisiva, trazendo informações sobre a guerra e sustentando o confronto com o inimigo, a *Sentinella* daria também o seu quinhão no constante esforço de guerra que marcou o cotidiano da imprensa brasileira à época do conflito contra o Paraguai⁵¹. Fosse por meio

50 ALVES, Francisco das Neves. Arquétipos de um ditador: Solano Lopez e a Guerra do Paraguai a partir da caricatura gaúcha: uma introdução ao tema. In: ALVES, Francisco das Neves. Imprensa, caricatura e historiografia no Rio Grande do Sul: ensaios históricos. Rio Grande: FURG, 2006. p. 76.

51 ALVES, Francisco das Neves. Imprensa caricata rio-grandense-do-sul e Guerra do Paraguai: imagem, informação e conflito discursivo. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). Imprensa, história, literatura e informação – Anais do II Congresso Internacional

das caricaturas cheias de representações e simbolismo, fosse pelos diálogos expressos nos “Colóquio entre o Redator e o seu Piá”, que traziam uma linguagem mais popular e reproduziam até mesmo o modo de falar mais cotidiano, o hebdomadário gaúcho manteve o sentido nacional de entusiasmo patriótico, mas não deixou de lado o desconfiado espírito regional, notadamente no que tange às demais províncias e aos vizinhos platinos, de modo que apresentou uma guerra de forma ilustrada e sob o olhar dos rio-grandenses-do-sul.